



e-book

ANBIMA

SUMMIT

MERCADO

SETEMBRO 2023

SUMÁRIO

03	APRESENTAÇÃO
04	TEMAS QUE MARCARAM
05	INDÚSTRIA DE INVESTIMENTOS
12	PERSPECTIVAS MACROECONÔMICAS
15	INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
19	SUSTENTABILIDADE
25	DIVERSIDADE E INCLUSÃO
29	TRABALHO
32	EDUCAÇÃO FINANCEIRA
36	MARKETING DE INFLUÊNCIA
39	FRASES DE DESTAQUE
46	VIDEOCASTS ZONA DE DESCONFORTO
49	EXPEDIENTE



APRESENTAÇÃO

Maior encontro dos mercados financeiro e de capitais do Brasil, o ANBIMA Summit 2023 uniu bancos, corretoras, distribuidoras, gestores de recursos, economistas, autoridades, formadores de opinião, pesquisadores e investidores para debater os temas mais importantes da indústria nos dias 16 e 17 de agosto, na Oca do Ibirapuera, em São Paulo. Foram mais de 54 horas de programação assistidas presencialmente por 3.620 pessoas nos dois dias, além de quase 6 mil visualizações nas transmissões simultâneas pelo site do evento e pelo YouTube.

O ANBIMA Summit contou com painéis sobre a indústria de fundos, sustentabilidade, diversidade e inclusão, inteligência artificial, cibersegurança, qualidade de vida e saúde mental, marketing, filantropia, entre tantos assuntos relevantes da atualidade com foco nas grandes transformações no mundo.

Nas páginas a seguir, você fica por dentro dos temas que marcaram esta edição, conhece os especialistas

que estiveram com a gente e confere as falas mais marcantes dos dois dias de evento. Ou seja, é um convite para refletir sobre os caminhos do mercado financeiro daqui em diante.

E esse conteúdo não se esgota aqui: assim como a programação do ANBIMA Summit foi dividida em dois públicos – profissionais de mercado e investidores –, também preparamos um e-book para cada.

Nesta edição, estão os assuntos de mercado, como a revolução da indústria de investimentos, cenário macroeconômico, sustentabilidade, inteligência artificial, entre outros. Já no e-book de investidores, que pode ser acessado neste link, consolidamos os painéis da tarde do segundo dia de evento, que teve debates sobre a jornada de investimento e masterclasses ensinando como dar os primeiros passos e aplicar em diferentes classes de produtos.

BOA LEITURA!

**TEMAS QUE
MARCARAM**

INDÚSTRIA DE INVESTIMENTOS

PARA ONDE VAI A INDÚSTRIA DE INVESTIMENTOS NO BRASIL?



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



CARLOS ANDRÉ
nosso presidente e
vice-presidente do Santander



THAÍS HEREDIA
jornalista

A abertura do ANBIMA Summit trouxe um clima otimista para os mercados financeiro e de capitais. A avaliação de um cenário positivo tem como base o novo panorama macroeconômico brasileiro, com final do ciclo de alta na taxa de juros, maior controle da inflação e menos turbulências políticas. "Conseguimos passar pelo momento de turbulência de forma madura, foi uma prova de fogo a que o mercado reagiu muito bem", afirmou Carlos André, nosso presidente e vice-presidente do Santander.

O novo contexto gera perspectivas favoráveis para a indústria de investimentos, que deve voltar a se aquecer. A retomada se dará com a resiliência e o amadurecimento demonstrados pelo mercado nos últimos anos diante de desafios como a pandemia. Outros aspectos que influenciam a indústria atualmente são as mudanças tecnológicas, os avanços na distribuição de produtos e a maior disseminação da educação financeira. "Superamos a centralidade do cliente e hoje olhamos para a centralidade da experiência de vida do cliente, porque investimento não é produto, é serviço e solução", disse.

PARA SE APROFUNDAR



MERCADO SE PREPARA PARA VER O NÚMERO DE CPFs NA BOLSA DOBRAR

Se hoje a bolsa brasileira conta com aproximadamente 5 milhões de investidores pessoas físicas, os planos da CVM são ainda mais ambiciosos — a entidade estima que esse número poderá dobrar em pouco tempo. "O Brasil tem capacidade para ter pelo menos

5% da população no mercado de capitais", disse João Pedro Nascimento, presidente da CVM.

Uma das iniciativas da autarquia para que isso aconteça é o lançamento do Open Capital Markets, uma agenda que vem na esteira do open banking e do open finance para simplificar a vida dos investidores. Uma das possibilidades será a portabilidade de investimentos, com foco no público do varejo. Alguns já chamam esse processo de "o PIX do mercado financeiro".

SIGA O PARTICIPANTE DO PAINEL:



JOÃO PEDRO NASCIMENTO
presidente da CVM



A REVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DE FUNDOS

A Resolução CVM 175, novo marco regulatório dos fundos de investimento, entra em vigor no mês de outubro e deve destravar obstáculos para o avanço da indústria, que passará por um período de adaptação entre o fim de 2023 e o ano de 2024. Será uma transformação: cerca de 30 mil fundos vão migrar para o novo regime.

As normas vão impactar e muito o dia a dia dos gestores, oferecendo mais transparência aos cotistas, inclusive com relação à remuneração



dos agentes. Em 2025, a indústria de fundos mudará de patamar e terá uma quantidade maior de alternativas com a implementação de classes e subclasses, além de mais liquidez, o que abre um leque para segurança, conforto e justiça aos investidores. "A norma 175 muda muito como a indústria de fundos está estabelecida hoje. Ela vai reduzir o trabalho operacional, assim teremos ganhos potenciais e o cotista vai se beneficiar com isso", avaliou Pedro Rudge, sócio-fundador da Leblon Equities.

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



DANIEL MAEDA
superintendente de Supervisão
de Investidores Institucionais da CVM



SERGIO CUTOLO
sócio-diretor do BTG Pactual



PEDRO RUDGE
sócio-fundador da Leblon Equities



TATIANA ITIKAWA
nossa superintendente de
Representação de Mercados



ROBERTA ANCHIETA
diretora de Administração
Fiduciária do Itaú Unibanco

DESAFIOS DOS GESTORES COM INVESTIMENTOS SEM FRONTEIRAS

Outro avanço que será trazido pela Resolução CVM 175 é permitir que qualquer investidor possa aplicar em fundos com alocação 100% no exterior. A mudança abre espaço para o setor de fundos ampliar a atuação no varejo — antes, esse tipo de produto era restrito aos investidores qualificados ou que têm alguma certificação aceita pela CVM.



A alteração dá o gancho para mais investidores brasileiros buscarem novas possibilidades de investimento no exterior. "Assim como é com o comércio, acreditamos fortemente que o futuro será uma vida financeira global", disse William Castro Alves, estrategista-chefe e sócio da Avenue. Diante das novas fronteiras e da maior variedade de ativos, o mercado deve exigir profissionais mais sofisticados: em especial no varejo, gestores de portfólio e advisors precisarão ser capazes de orientar clientes sobre investimentos em contexto financeiro global.

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



CACÁ TAKAHASHI
chairman da BlackRock Brasil



GIULIANO DE MARCHI
head de América Latina da JP Morgan Asset Management



GUSTAVO PIRES
sócio e diretor-executivo da XP Inc.



MARCELO PACHECO
diretor de Gestão de Ativos da BB Asset Management



WILLIAM CASTRO ALVES
estrategista-chefe e sócio da Avenue

CRÉDITO PRIVADO NA TRILHA DO DESENVOLVIMENTO

Após passar por uma crise que levou a resgates em meio a incertezas, o mercado de crédito brasileiro tem se mostrado mais maduro. Além do aumento da liquidez no secundário, investidores têm um melhor entendimento do seu funcionamento, dos seus riscos e do seu potencial. Segundo Guilherme Maranhão, sócio e diretor do Itaú BBA, o mercado viveu praticamente uma "tempestade perfeita", com incertezas no cenário internacional e no brasileiro. "Gerou-se uma incerteza absurda, mas foi importante para o mercado local. A crise mostrou o quão maduro o mercado estava, ao conseguir absorver essas incertezas de maneira relativamente calma."



Para avançar a um novo patamar, contudo, especialistas defendem maior padronização para atrair investidores, inclusive estrangeiros, especialmente em um contexto de mudanças regulatórias importantes para o desenvolvimento do setor. A maior disseminação da educação financeira também trará ganhos, especialmente de escala, com um potencial incentivo às operações no mercado secundário.

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



BRUNO FUNCHAL
CEO na Bradesco Asset Management



DANIEL GELANO
country head da Schroders
Investment Management Brazil



GUILHERME BENADERET
nosso superintendente de Supervisão de Mercados



GUILHERME MARANHÃO
sócio e diretor do Itaú BBA



VICTORIA DE SÁ
sócia-fundadora da Vert

PREVIDÊNCIA PARA JÁ!

Com a população brasileira cada vez mais velha, os custos de vida maiores e um déficit na previdência social, o mercado financeiro vem aprimorando as regras e os produtos ofertados, com foco em estimular a poupança privada de longo prazo. "Fazer previdência complementar é cuidar do seu futuro", diz Ricardo Pena, diretor-superintendente da Previc.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



ADRIANA HENNIG
coordenadora-geral na Susep



ANA LEONI
criadora do Dinheiro com Atitude
e apresentadora no "Pod Isso, Meninas?"



LUIZ SORGE
CEO da BNP Paribas Asset Management Brasil



RICARDO PENA
diretor-superintendente da Previc

Um dos pontos principais para a evolução da indústria passa pela regulação, aprimorada em parte pela Resolução CVM 175, aponta Luiz Sorge, CEO da BNP Paribas Asset Management Brasil, em referência à modernização e à busca por maior eficiência dos fundos de investimento, com impacto sobre a previdência complementar. "Temos que controlar o risco e aumentar o retorno. A 175 trouxe um equilíbrio importante de responsabilização, antes muito nas mãos do fiduciário", aponta Sorge, complementado por Pena: "O objetivo é proteger a poupança que está sendo construída, reduzir as assimetrias que existem entre os produtos". A Susep também está implementando uma revisão geral nos normativos de previdência, de olho no desenvolvimento de produtos mais flexíveis e atrativos, com benefícios de renda mais adequados à longevidade da população.



INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA: O PAPEL DO BNDES NO MERCADO DE CAPITALIS

Sob a nova gestão federal, o BNDES pretende ter como norte do trabalho a retomada de seu papel como grande financiador de projetos de longo prazo, com foco em pequenas e médias empresas. "Infraestrutura e inovação são os carros-chefes do BNDES", diz Natália Dias, diretora de Mercado de Capitais e Finanças Sustentáveis do banco.

O BNDES trabalha com duas linhas principais de ações no mercado: renda variável e renda fixa, apoiando

especialmente as emissões de debêntures em setores tidos como estratégicos para a instituição. Outra ferramenta é a parceria feita via fundos, em que o banco faz uma chamada pública para selecionar gestores que serão responsáveis por gerar mais investimentos para o BNDES. No momento em que revê sua política de investimentos, o BNDES ressalta não ver sentido em competir com o mercado de capitais, mas sim em estimular ou preencher espaços que precisam ser desenvolvidos.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



JOSÉ EDUARDO LALONI
vice-presidente do ABC Brasil



NATÁLIA DIAS
diretora de Mercado de Capitais
e Finanças Sustentáveis do BNDES

FORTALECER O COMBATE AOS CRIMES VIRTUAIS É TAREFA URGENTE

Os crimes cibernéticos movimentam US\$ 8 trilhões por ano e há uma estimativa de que esse valor atinja US\$ 10,5 trilhões em 2025. As altas cifras confirmam a preocupação com a migração do crime organizado do mundo físico para o virtual. E o setor financeiro está na rota dos criminosos: 95% dos ataques cibernéticos têm objetivos financeiros.

A disseminação desse tipo de crime é apontada pelo Global Risks Report 2023, do Fórum Econômico Mundial, como um dos dez maiores riscos para a sociedade nos próximos anos. A cibersegurança deve ser uma das prioridades de qualquer tipo de negócio, mas merece atenção ainda mais cuidadosa entre as organizações do mercado financeiro.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



LINA YAJIMA
nossa superintendente de Produtos de Dados,
Operações e Tecnologia



MARCELLO ZILLO NETO
Latam security leader na Amazon Web Services

PERSPECTIVAS MACROECONÔMICAS

A DIFÍCIL TAREFA DE COMPREENDER UM MUNDO ACELERADO

Quais são os temas de maior impacto sobre a geopolítica mundial no momento? Há assuntos importantes na mesa, como o futuro da economia chinesa, o papel dos Estados Unidos no mundo e a guerra entre Rússia e Ucrânia. É impossível tirar conclusões rápidas sobre tantas pautas importantes e complexas, mas um recado está claro: não dá para embarcar em discursos definitivos ou extremistas, como aqueles que falam no fim da globalização, no apagamento dos EUA como força mundial ou na substituição do dólar como moeda de referência internacional.



O Brasil é apontado cada vez mais como personagem estratégico, com possibilidade de tirar vantagem da demanda mundial por alimentos, minérios e produtos renováveis. O país tem, por outro lado, a missão de se tornar uma economia do conhecimento, deixando para trás o papel de apenas combinar a extração de matéria-prima com a produção agrícola.

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



IAN GOLDIN
professor de Globalização e Desenvolvimento da Universidade de Oxford



RODRIGO AZEVEDO
sócio-fundador, CIO e gestor da Ibiuna Investimentos

REFORMA TRIBUTÁRIA: O MISTÉRIO DA NOVA ALÍQUOTA

Uma das principais dúvidas quando se fala em reforma tributária mora na incerteza sobre qual será a alíquota de imposto após as mudanças previstas no texto aprovado pela Câmara dos Deputados. Para o ex-presidente da casa e atual presidente da CNF (Confederação Nacional das Instituições Financeiras), Rodrigo Maia, a fração básica estimada pelo Ministério da Fazenda, entre 25,45% e 27%, não é factível.

Segundo ele, esse é um ponto bastante importante para a saúde financeira de estados e municípios, já que



ainda não existe definição se haverá ou não aumento dos impostos para o segmento de serviços, responsável por uma grande fatia do PIB. Maia também citou que a reforma não deve focar apenas a tributação de dividendos nem desestimular a atuação de empresas no Brasil: as mudanças devem focar produtividade.

PARA SE APROFUNDAR



RODRIGO MAIA
presidente da CNF e ex-presidente da Câmara dos Deputados



THAIS OYAMA
jornalista

POLÍTICAS MONETÁRIA E FISCAL NO CENTRO DO DEBATE



Apesar de o ciclo de queda de juros ter começado com a queda em 0,5 ponto percentual da Selic no início de agosto, o mercado segue atento aos rumos da taxa básica de juros e da inflação. A grande questão ainda é compreender qual é o nível de inflação desejado pelas autoridades do país e de que maneira isso vai influenciar a política monetária brasileira.

Outro ponto de atenção é o novo arcabouço fiscal, aprovado para substituir o antigo teto fiscal. "Está difícil chegar aos mesmos números indicados pelo governo. Isso está dificultando uma certa ancoragem de expectativas", diz Ana Paula Vescovi, economista-chefe do Santander. Segundo ela, o temor é que haja busca por mais arrecadação. "A sociedade já convive com uma carga tributária elevada. Tributando mais você deprime certos setores e atividades da economia."

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



ANA PAULA VESCOVI
economista-chefe do Santander



FERNANDO HONORATO
economista-chefe e diretor do Bradesco

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



Dados, por si só, não são suficientes para se tomar decisões, porque eles não entendem nada sobre valores, emoções e objetivos. É o que afirma o futurista Gerd Leonhard ao falar de IA (inteligência artificial). "É perigoso, porque a máquina tem uma versão muito simplificada da realidade, mas é muito boa para coisas mais práticas. Para transformar informações em conteúdo, por exemplo, é uma ferramenta poderosa", avalia. Ele defende que a IA seja usada como ferramenta, mas não seja a responsável pela decisão final nos negócios.

A história mostrou que as novas tecnologias nunca foram capazes de substituir totalmente o trabalho humano, que inovação leva a novas ocupações e mais eficiência. Para Leonhard, o futuro do mercado financeiro inclui investimento em tecnologia, mas de forma que os humanos possam contribuir na mesma proporção, não como uma substituição. Ele diz ter ficado feliz em ver tantos jovens e mulheres na plateia do ANBIMA Summit pelo fato de que a diversidade é a chave do desenvolvimento. "Robôs não conseguem fazer o nosso futuro", disse.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



GERD LEONHARD
autor best-seller e futurista



CHRISTIANE PELAJO
jornalista

A VIRADA DE 2023

O ano de 2023 será o da virada na seara da inteligência artificial. Isso porque o mundo está passando pela fase da análise prescritiva, com cada vez mais respostas sobre como determinar o futuro. A partir daí, a IA passa a ter autonomia e capacidade de ação, com o respectivo aumento de responsabilidades – e também das dores de cabeça.

Para Clara Durodié, especialista em IA, é fundamental estar atento ao que se espera dos dados e aos riscos que o avanço da tecnologia pode gerar. Diante de uma regulamentação ainda sendo desenhada no mercado, ela defende medidas robustas de cibersegurança, a discussão de mecanismos de proteção de privacidade e um maior senso de cuidado. "Os algoritmos têm pais, somos seus criadores, e isso traz muita responsabilidade."



SIGA A PARTICIPANTE DO PAINEL:



CLARA DURODIÉ
especialista em inteligência artificial

CONHECIMENTO COMO PONTE ENTRE IA E PESSOAS



SIGA A PARTICIPANTE DO PAINEL:



ANA TERESA CONTIER
consultora e pesquisadora de neurociência

O medo é uma reação esperada diante do novo e do desconhecido. Mas paralisar diante das mudanças da tecnologia e do avanço da IA impede a inovação. Ana Teresa Contier, consultora e pesquisadora na área de Neurociência, observa haver uma ansiedade tecnológica que gera medo sobre o futuro. Segundo ela, o que se sabe é que a IA tem muito potencial, mas há um mistério sobre onde vai chegar, o que desperta medo e insegurança.

Ana acredita que a chave é transformar o desconhecido em conhecido para construir a ponte entre a humanidade e as máquinas de forma a ser possível explorar novos caminhos. Ela defende um sistema que chamou de CDE para lidar com a inteligência artificial. "C" de conhecimento, como base fundamental para eliminar o medo; "D" de diversidade de pessoas, dados e empresas que criam a IA; e, por fim, "E" de ética, como forma de escolher quais sistemas de IA apoiar ou não.

IA DEVE APOIAR MERCADO FINANCEIRO, MAS NÃO SUBSTITUI A DECISÃO HUMANA

A indústria financeira passa por um momento crucial de definição sobre o modelo de uso das novas ferramentas de IA. É preciso ser cuidadoso e fazer avaliações criteriosas antes de tomar qualquer decisão que envolva essa tecnologia. A especialista Clara Durodié conta que existem sistemas que usam IA para tomar decisões de aplicações, mas pesquisadores ainda não conseguem atestar se eles de fato funcionam. Para isso, existem dois requisitos: primeiro, ter muitos dados de qualidade para evitar vieses; segundo, ter um humano para avaliar as decisões. "Minha experiência diz que a inteligência artificial não vai substituir o gestor, não acho que vamos chegar nesse nível de autonomia."

Sobre os riscos que a IA pode representar, Clara menciona um caso que aconteceu há três meses nos EUA, em que uma imagem do Pentágono em chamas, criada por um

sistema de IA, foi postada no Twitter, gerando pânico entre os usuários da rede. Algoritmos que avaliam dados de redes sociais para tomar decisões de compra e venda no mercado financeiro captaram o sentimento negativo e dispararam ordens de vendas de ações. Para ela, a regulamentação será crucial para mitigar esse tipo de risco. "Se não houver regulamentação, será um salve-se quem puder. A boa notícia é que os governos entenderam que precisamos disso para o uso seguro."

PARA SE
APROFUNDAR



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



CLARA DURODIÉ
especialista em inteligência artificial



ERIC ALTAFIM
diretor do Itaú Unibanco

SUSTENTABILIDADE

A FARIA LIMA NÃO É VILÃ

A agenda ambiental não é responsabilidade somente do poder público, mas de todos os atores da sociedade, inclusive o mercado financeiro. O setor tem papel fundamental no fomento de uma economia de baixo carbono e não faz sentido a ideia de que os agentes financeiros são vilões, defende Izabella Teixeira, que foi ministra do Meio Ambiente entre 2010 e 2016.

Há diversas preocupações urgentes em debate no setor produtivo, como a transição energética, mineração mais competitiva e agricultura sem desmatamento, essenciais para uma economia verde. Quem não estiver atento a essas demandas da sociedade ficará para trás. Afinal, as mudanças climáticas colocam um desafio para a sociedade de hoje, e não apenas um risco para um futuro distante.



SIGA A PARTICIPANTE DO PAINEL:



IZABELLA TEIXEIRA
doutora em Planejamento Energético e
ministra do Meio Ambiente de 2010 a 2016

OS DESAFIOS DO MERCADO DE CARBONO



SIGA A PARTICIPANTE DO PAINEL:



ANNELISE VENDRAMINI
professora de mestrado da FGV-SP

A credibilidade e a padronização das métricas nos projetos de redução de emissões de gases de efeito estufa, responsáveis pela geração de créditos de carbono, são peças fundamentais para o desenvolvimento desse mercado. O debate atual está focado majoritariamente na qualidade dos créditos e na regulamentação do setor. O passo seguinte será a consolidação de um modelo de governança.

Embora se admita que há um caminho a ser percorrido, a expectativa é de que ocorra aceleração do mercado de carbono até o fim desta década. Diante da necessidade de as empresas se adequarem a consumidores mais exigentes em relação à sustentabilidade ou mesmo às regras para acesso a financiamentos, espera-se que o setor privado desempenhe um papel relevante no desenvolvimento.

A ESCALADA DO INVESTIMENTO SUSTENTÁVEL VIA BLENDED FINANCE

Um dos temas mais atuais nas rodas do mercado financeiro, as estruturas de blended finance correspondem a arranjos financeiros que combinam fontes diversas de recursos, como públicas, privadas e filantrópicas, a fim de engajar capital de terceiros para realização de iniciativas com impacto socioambiental. Ainda embrionárias no Brasil, essas estruturas híbridas contribuem para o alcance da Agenda 2030 da ONU, ainda que sua lenta evolução pressuponha o desenvolvimento completo apenas em 2100. "Temos esse tempo enquanto sociedade?", foi um dos questionamentos no ANBIMA Summit.



Para destravar os investimentos sustentáveis via blended finance é preciso se adequar à realidade de cada país e, nisso, o Brasil avança com iniciativas não só na Amazônia, mas no cerrado, em favelas e com reciclagem, por exemplo. O próximo passo é mobilizar e escalar os recursos, atraindo outros filantropos para a mesa, além do mercado financeiro e do próprio governo. Mais do que inovar, é preciso saber dialogar com diferentes atores e consolidar a cultura do ganha-ganha em prol de um propósito. Com uma nova geração que leva mais em conta assuntos sociais e climáticos, o Brasil tem a oportunidade de se destacar nos próximos anos.

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



FERNANDA CAMARGO
sócia cofundadora da Wright Capital



MARCELO MARCOLINO
superintendente de Mercado de Capitais no BNDES



MARCO GORINI
cofundador e CEO do Grupo Din4mo



MARTHA DE SÁ
fundadora da Vert

MERCADO COMO CATALIZADOR DE UMA ECONOMIA INCLUSIVA E DE BAIXO CARBONO



SIGA A PARTICIPANTE DO PAINEL:



PAULA PEIRÃO
coordenadora regional associada para
América Latina e Caribe da Unep FI

REGULAMENTAÇÃO DO MERCADO DE CARBONO DEVE DESTRAVAR RECEITAS

A regulamentação do mercado de carbono no Brasil, proposta pelo Poder Executivo, deve trazer maior segurança às negociações ao definir a natureza jurídica dos créditos de carbono — pleito antigo do setor privado. Estima-se que 60% da receita com os créditos vá para comunidades locais, de estados até comunidades indígenas.

A definição de regras deve destravar financiamentos e tornar o Brasil um "exportador" desses créditos, como aponta Maria Belen, responsável pela área de Novos Negócios de Global

Há benefícios inegáveis para aqueles que se aventuram por opções do mercado como títulos vinculados à sustentabilidade ou ao blended finance. Mas o assunto ainda precisa ser mais discutido para que os casos de sucesso ganhem maior visibilidade e para disseminar a percepção de que há resultados nesses projetos.

A urgência de uma economia de baixo carbono em pleno 2023 não é mais um tema em debate. Mas, quando o assunto está ligado ao universo dos investimentos, ainda há quem veja com estranheza a convivência entre "gerar lucros e ser sustentável".

Markets no Itaú BBA. "Hoje, 80% dos créditos originados no Brasil são vendidos no exterior". A expectativa é de que o mercado de carbono regulamentado no Brasil siga uma estrutura alinhada às experiências internacionais para garantir o reconhecimento de agentes estrangeiros. Junto à regulação, deve haver um esforço para estabelecer a governança desse mercado e garantir sua integridade ambiental e internacional.

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



ALINE FERREIRA
head de Compliance do Citi Brasil



MARIA BELEN
head de Desenvolvimento de Novos Negócios de Mercados do Itaú Unibanco



JOSÉ PEDRO NEVES
coordenador-geral de Estrutura Produtiva e Sustentabilidade na Secretaria de Política Econômica

POR QUE INVESTIDORES AINDA EVITAM O ESG?

"Mas eu já faço doação". Essa é a resposta ouvida por muitos agentes do mercado de investimentos ao apresentarem produtos ESG (que consideram critérios ambientais, sociais e de governança, na sigla em inglês). Ultrapassar a barreira que contrapõe sustentabilidade e retorno financeiro ainda tem sido uma

dificuldade para executivos e gestores, em especial no varejo.

O potencial do ESG como um produto temático, e não uma ideia de sustentabilidade abstrata, deve guiar os diálogos com investidores. Com condições ambientais únicas, o Brasil pode assumir o protagonismo na economia verde e emergir diante deste novo ciclo com mais produtos ESG no mercado financeiro ao alcance de todos. "Podemos não ter o maior mercado financeiro do mundo, a maior economia do mundo, mas temos 15% dos ativos naturais", aponta José Pugas, sócio e head de Investimentos Responsáveis e Engajamento da JGP Asset Management.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



DANIELA GAMBOA
head de Crédito Privado e Imobiliário
na SulAmérica Investimentos



DENÍSIO LIBERATO
diretor-presidente
da BB Asset Management



JOSÉ PUGAS
sócio e head de Investimentos Responsáveis
e Engajamento da JGP Asset Management



RENATO EID
head de Estratégias Beta & Investimento
Responsável na Itaú Asset



ENDOWMENT E GOVERNANÇA

Com o aumento no número de famílias de alto poder aquisitivo fazendo filantropia de forma mais estruturada, com estratégia e governança, e pensando em deixar um legado familiar no longo prazo, os endowments têm sido cada vez mais buscados. Eles são formados por doações de pessoas físicas ou jurídicas, com recursos investidos no mercado financeiro e lucros revertidos para projetos com impacto social.

Atualmente, uma das grandes questões que permeiam esse mercado é se, em 100 anos, o dinheiro dos fundos patrimoniais continuará a ser doado para causas importantes. Por isso, especialistas defendem a existência de comitês e compromissos que garantam que o patrimônio aplicado perdure, com uma discussão que já ocorre nos Estados Unidos e na Europa. Outro ponto importante na mesa tange à doação. Quando a pessoa quer falar de filantropia, mas sua primeira pergunta é sobre benefício fiscal,

o interesse não é deixar um legado. É preciso entender que o mercado financeiro é um instrumento não só para se fazer investimentos, mas para se deixar uma herança de valor à sociedade.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



FERNANDA CAMARGO

sócia cofundadora da Wright Capital



LEONARDO LETELIER

CEO e fundador na Sitawi Finanças do Bem



PRISCILA PASQUALIN

sócia na PLKC Advogados

DIVERSIDADE E INCLUSÃO

DIVERSIDADE CHEGA AO MUNDO CORPORATIVO E PRECISA AMADURECER

Antes concentradas na academia e em movimentos sociais, as discussões sobre diversidade e inclusão chegaram com força às empresas durante a última década. Nossos dados mostram que 60% das instituições associadas à ANBIMA olham com algum nível de interesse para a agenda de diversidade e inclusão, mas apenas 16% implementam ações estruturadas, regulares e orientadas por metas e objetivos. Segundo especialistas, empresas já observam melhoria em indicadores de turnover e inovação relacionada à adoção de agendas de diversidade.

Os avanços na pauta de inclusão não significam sucesso absoluto das empresas. Mesmo bem-intencionadas, algumas enfrentam dificuldades em consolidar uma cultura de pertencimento dos colaboradores por meio das ações propostas. A governança e o engajamento de lideranças nos maiores níveis de senioridade, bem como a avaliação de métricas e indicadores, têm demonstrado ser um bom caminho, avaliam especialistas.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



CAROLINA CAVENAGHI
cofundadora e CEO da Fin4she



HÉLIO SANTOS
escritor e presidente do Conselho da Oxfam Brasil



JACKELINE BUSNELLO
gerente de Recursos Humanos do Bradesco



LUIZ PIRES
nosso gerente de Sustentabilidade e Inovação

INCLUSÃO E EQUIDADE: DO RH PARA A MESA DO CEO

A equidade e a inclusão de gênero, raças e outros marcadores sociais deixaram de ser um imperativo moral e ético para se tornarem também econômicos. Margareth Goldenberg, CEO da Goldenberg Diversidade, avalia que as empresas e suas lideranças estão entendendo isso forçadas e mobilizadas por consumidores, investidores, órgãos reguladores e trabalhadores. "Por pressão, amor, inteligência ou dor, as empresas estão avançando nessa direção. É um caminho sem volta."

O retrato da desigualdade de gênero no mercado de trabalho é claro. Dentro da jornada profissional, segundo Margareth, há mais mulheres na universidade (56% dos diplomas) e também no mercado formal corporativo, nos cargos de trainee, analista e assistente (58%). Quando chegamos aos cargos de gerência

e diretoria, a tendência se inverte, e elas são apenas 14%, com homens também em ampla maioria nas cadeiras de CEO e conselheiros. Margareth vê isso mudando com o avanço das regras de ESG, mas em um ritmo ainda lento. Se antes era um assunto da área de RH das empresas, atualmente passou a ser uma questão estratégica na mesa dos CEOs. Na visão dela, o caminho para a transformação se dá pela lógica da corresponsabilidade – e não da culpa. Ou seja, mostrar que a equidade é boa para todo mundo.

SIGA A PARTICIPANTE DO PAINEL:



MARGARETH GOLDENBERG
CEO na Goldenberg Diversidade

MERCADO DEIXA DINHEIRO NA MESA AO EXCLUIR NEGROS

A cada R\$ 100 consumidos no Brasil, R\$ 72 partem de grupos minorizados: negros, mulheres e pessoas LGBTQIAP+, segundo dados do instituto de Pesquisa Locomotiva. Outro levantamento da mesma entidade mostra que a população negra, que representa 54% dos brasileiros, movimenta R\$ 1,9 trilhão em renda por ano. É esse volume de dinheiro que o mercado financeiro e de investimentos está deixando na mesa quando não cria soluções e produtos para a baixa renda. Segundo Alan Soares, do Movimento Black Money, o racismo é uma "burrice econômica", uma vez que, se negros tivessem equiparação de renda com brancos, injetariam R\$ 1 trilhão a mais na economia.

Renato Meirelles, do instituto, dimensiona o tamanho da economia movimentada pela população de baixa renda: as favelas do país contam com 18 milhões de moradores, o que seria equivalente ao terceiro estado mais populoso do Brasil e o sexto mais rico, com R\$ 202 bilhões de consumo por ano. Ele aponta

que, ainda assim, os profissionais do mercado não conseguem desenvolver produtos para a favela, porque não têm o olhar treinado. "É mais fácil ensinar inglês para um empreendedor da favela do que ensinar como funciona a favela para o CEO que estudou em Harvard", diz.

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



ALAN SOARES

fundador do Movimento Black Money



RENATO MEIRELLES

presidente do Instituto de Pesquisa Locomotiva e fundador do Data Favela



ROSANA JATOBÁ

jornalista



QUANDO OS NEGÓCIOS COMBINAM COM RESPONSABILIDADE SOCIAL

A geração de valor compartilhado, que envolve o encontro entre responsabilidade social e sucesso da empresa, é uma inovação que a favela tem levado para o mundo dos negócios. Celso Athayde é exemplo vivo disso, um empreendedor que fez a conexão da comunidade com o asfalto. Nascido na baixada fluminense, passou parte da infância em situação de rua com a mãe e um irmão mais velho. Começou a empreender na adolescência, em uma favela da zona oeste carioca, vendendo alimentos e roupas. Na época, não sabia o que era empreender, business plan e nem desenho de produtos. O objetivo era apenas sobreviver.

PARA SE APROFUNDAR



Tornou-se empreendedor do mundo do entretenimento promovendo bailes blacks para os camelôs com quem trabalhava. Para viabilizar os artistas, criou um selo musical e começou a assessorá-los: lançou grandes nomes como MV Bill e Racionais. Mas sempre achava que podia produzir mais. Criou a Cufa (Central Única das Favelas) e a Favela Holding, grupo de mais de 20 empresas que tem como objetivo o desenvolvimento de favelas e de seus moradores. "Pensei numa fundação que precisava criar um banco para fazer ações econômicas para viabilizar nossas ações sociais", conta Athayde, que não aceita a pecha de carente para as favelas. Ele defende que esses são espaços de potência, que só precisam de oportunidade para se desenvolver.



SIGA O PARTICIPANTE DO PAINEL:



GELSO ATHAYDE
fundador da Cufa e da Favela Holding

TRABALHO

SAÚDE MENTAL: UTOPIA OU REALIDADE?

É possível assumir as rédeas da própria vida e tomar decisões em prol de um equilíbrio entre trabalho e saúde mental? Algumas mudanças de atitude podem favorecer o sucesso nessa busca. A autonomia é essencial, mas não está necessariamente no poder de mudar tudo à sua volta. Pode estar em algo mais simples, como no ato de pedir ajuda. Criar um ambiente de trabalho que favoreça esse equilíbrio tem impacto também nos resultados – que é bastante cobrado em vários setores, mas em especial no mercado financeiro, em que o ritmo é acelerado e a cobrança por resultados é alta, afinal, lidamos com o dinheiro das pessoas.

Trabalhar a saúde mental deve ser um exercício cotidiano, de conhecimento sobre si mesmo e dos seus limites. Não se trata apenas de se preparar para estar bem durante o trabalho, mas de trabalhar de forma que não seja um peso. Assim como aprendemos a adequar o ambiente de trabalho às necessidades do corpo, precisamos fazer a "ergonomia mental", ajustar o dia a dia ao formato mais adequado para a nossa saúde psíquica.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



ANDRÉ FUSCO
médico e psicanalista



MARIANA FERRÃO
jornalista especialista em saúde e bem-estar,
fundadora da Soul.Me



ELIANA MARINO
nossa gerente de Recursos Humanos

UMA NOVA FORMA DE TRABALHAR E SE RELACIONAR COM A EMPRESA

O período da pandemia de covid-19 promoveu a aceleração e consolidação de alguns tipos de tecnologias, como as ferramentas que ampliaram o trabalho remoto. O ano de 2023 começou com a popularização de sistemas de inteligência artificial, como o Chat GPT, que condensa muitas informações em poucos segundos, e trouxe questionamentos sobre quais carreiras continuariam a existir. O momento é de adaptação e de elaboração de novas formas de trabalhar.

Em meio a esse contexto, os profissionais buscam empresas em que possam exercer suas funções de forma autônoma e em conexão com um propósito. Uma das consequências é o crescimento da consciência por parte dos trabalhadores de que eles não devem ser apenas mão de obra numa organização e, sim, agentes de transformação. Os dois lados vão se beneficiar desse novo modelo de trabalho.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



ALEXANDRE PELLAES
especialista em novos modelos de gestão e futuro do trabalho



ELIANA MARINO
nossa gerente de Recursos Humanos



MARTHA GABRIEL
especialista em Negócios, Tendências e Inovação na América Latina

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

QUEM SÃO OS INVESTIDORES BRASILEIROS?

Percorremos mais de 8 mil quilômetros Brasil afora durante quatro meses para entender como a população investe – e algumas pessoas ouvidas durante a pesquisa "Como você investe seu dindim?", em parceria com a consultoria Na Rua, estiveram no palco contando histórias reais. Dona Ivete, professora aposentada, precisou buscar alternativas para poupar uma vez que não encontrou instrumentos financeiros que funcionassem para a sua realidade. Mãe solo e única provedora de quatro filhos, seu sonho era ter uma casa melhor. Pensou em um consórcio imobiliário, mas não viu sentido em pagar juros para uma instituição. A outra opção estava nas "caixinhas na rua", sistema de financiamento comum em periferias do Brasil, em que um grupo de pessoas reúne recursos para oferecer empréstimos. Foi assim, de maneira informal, que ela começou a ver o

dinheiro que poupava gerar os primeiros rendimentos.

Já Dinho, que é caixa de supermercado, percorreu um caminho diferente e encontrou no mercado tradicional de investimentos um meio de melhorar de vida. Com origem em uma família muito pobre do interior de Pernambuco, não queria nascer, crescer e morrer pobre." O único meio que pensei para mudar isso foi usar meu dinheiro para investir", explica. Ao se mudar para a capital, passou a trabalhar em um supermercado e ganhar mais. Conseguiu fazer sobrar mais dinheiro e estudou para investir. Suas maiores dificuldades foram não saber falar inglês e com a linguagem e os termos usados no mercado financeiro. Hoje, Dinho tem investimentos distribuído entre bitcoins, CDBs e ações.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



BRUNO AZEVEDO
sócio da Na Rua Insights Estratégicos



DONA IVETE PALHETA
investidora e professora aposentada



EDSON "DINHO" RUAN FERREIRA
investidor e caixa de supermercado



ALINE DE FÁTIMA DA SILVA
investidora e professora

AFINAL, COMO O INVESTIDOR BRASILEIRO, DE FATO, INVESTE?

Responder a essa pergunta foi um dos desafios que nos moveu na pesquisa "Como você investe seu dindim?", pois queremos compreender ainda melhor os hábitos e as realidades socioeconômicas dos investidores brasileiros.

Os resultados do levantamento geraram um debate capaz de fazer qualquer um sair da bolha. Reunimos histórias de quem só investe em bens materiais, como gado ou imóvel, de quem não consegue compreender produtos



além da tradicional poupança e alguns casos de investidores que já conseguem aproveitar outras oportunidades do mercado. Para quem trabalha no setor financeiro, fica a missão de buscar uma comunicação mais eficaz para aproximar esses e muitos outros perfis de investidores.

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



ANDRÉS KIKUCHI
diretor-executivo da Nu Asset Management



LUCIANE EFFTING
head de Distribuição de Investimentos do Santander



MARIO PERRONE
diretor comercial e de produtos da BB Asset



MARCELO BILLI
nosso superintendente de Sustentabilidade, Inovação e Educação

A IMPORTÂNCIA DO ACONSELHAMENTO

De que maneira podemos ajudar a simplificar o universo de investimentos para os brasileiros por meio da educação financeira? A primeira etapa é traduzir os jargões do mercado e ir além do noticiário específico para profissionais da área, permitindo que a maior parte da população também tenha acesso à informação de qualidade no momento de decidir onde colocar o seu dinheiro.

Outra função que cabe ao educador financeiro é a desmistificação, com o objetivo de enfrentar barreiras como a da crença de que a maioria dos produtos é destinada a quem tem grandes patrimônios. Facilitar a experiência do investidor no momento de interagir com os sistemas também aumenta o interesse pela indústria de investimentos.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



LUCIANA SEABRA
fundadora da Indê Investimentos



MARILIA FONTES
sócia-fundadora da Nord Research



RAPHAEL FIGUEREDO
sócio, estrategista e cofundador da Eleven Financial Research



MARCELO BILLI
nosso superintendente de Sustentabilidade, Inovação e Educação

MARKETING DE INFLUÊNCIA

VAMOS FALAR DE MARKETING DE INFLUÊNCIA?

Os influencers (influenciadores de finanças) têm ganhado cada vez mais espaço dentro da publicidade das empresas do mercado financeiro. O marketing de influência existe há muito tempo, mas é um mercado que tem se profissionalizado nos últimos anos. Segundo Brunna Jahn, diretora comercial da MField, se antes as empresas investiam apenas 5% das verbas publicitárias em marketing de influência, hoje é mais comum encontrar companhias que aplicam 100% do orçamento da área nessa modalidade.



Já existe uma relação de confiança estabelecida entre os influencers e seus seguidores, observou Paula Sayão, diretora de Marketing e Comunicação do Banco do Brasil. Segundo ela, no banco, o marketing de influência só perde para familiares e amigos em termos de influenciar decisões de clientes. É um mercado dinâmico e que exige agilidade. Segundo Fernando Alonso, head de Talents e Influência Digital da África, o que funciona agora talvez não funcione em cinco minutos, então é preciso estar antenado. Mas defendeu que não é possível prever o que vai dar certo ou não: é preciso aprender com o que deu errado.

SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



AMANDA BRUM
nossa gerente-executiva de Comunicação,
Marketing e Relacionamento com Associados



FERNANDO ALONSO
head de Talents e Influência Digital da África



BRUNNA JAHN
co-fundadora e diretora geral na Virau



PAULA SAYÃO
diretora de Marketing e Comunicação
do Banco do Brasil

O PODER DOS INFLUENCERS NA DISTRIBUIÇÃO DE INVESTIMENTOS

Os influencers falam com mais de 165 milhões de seguidores e ocupam um lugar estratégico na cadeia de distribuição de investimentos. As marcas enxergam valor no conteúdo produzido por esses players, entram em suas bases e ali podem fazer conversas que se convertem em vendas ou reforço de marca. Hoje, se entende que pessoas "compram" pessoas, por isso as empresas precisam ter um rosto que engaje na conversa, observa Bea Aguillar, criadora do canal Papo de Bolsa.

Na relação entre custo e retorno, o marketing de influência é o mais barato para falar com um público tão amplo, nichado e específico, segundo Charles Mendlowicz, à frente do canal Economista Sincero. Mas, para que esse match entre marcas e influencers dê certo, é preciso que as ações sejam cocriadas entre empresa e influenciadores. Nath Finanças, fundadora do canal de mesmo nome, diz que essa colaboração faz muita diferença, pois é o produtor de conteúdo quem conhece sua base e sabe como melhor se comunicar com ela. E ressaltou que, como multiplicadores de educação financeira, os influenciadores precisam ter cuidado e responsabilidade para não produzir desinformação.



SIGA OS PARTICIPANTES DO PAINEL:



AMANDA BRUM
nossa gerente-executiva de Comunicação,
Marketing e Relacionamento com Associados



CHARLES MENDLOWICZ
influenciador criador
do canal Economista Sincero



BEA AGUILLAR
fundadora da Dhaxa Capital e criadora
do canal Papo de Bolsa



NATHÁLIA RODRIGUES
influenciadora e orientadora financeira,
criadora do canal Nath Finanças

FRASES DE DESTAQUE



"Tentaram atacar a indústria financeira como se o interesse dela não fosse convergente com o desenvolvimento do Brasil, e é exatamente o contrário"

RODRIGO MAIA,

presidente da CNF e
ex-presidente da Câmara dos Deputados

"Se fosse escolher uma batalha para o futuro seria a da padronização do mercado. E ter um esforço para trazer o estrangeiro para cá"

VICTORIA DE SÁ,

sócia-fundadora da Vert

"Com a Resolução CVM 175, teremos uma indústria de fundos muito melhor, mais transparente e competitiva para o investidor"

PEDRO RUDGE,

sócio-fundador da Leblon Equities

“

A nova regulação vai deixar a indústria de fundos mais robusta e conectada com o mundo

”

CARLOS ANDRÉ,

NOSSO PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE
EXECUTIVO DO SANTANDER

"A indústria está muito mais bem preparada para a diversificação internacional agora do que em outros ciclos de juros altos"

CACÁ TAKAHASHI,

chairman da BlackRock Brasil

"A regra do teto nos fazia ter escolhas. À medida que se busca mais flexibilidade, há mais dificuldade de ancorar"

ANA PAULA VESCOVI,

economista-chefe do Santander

“

O BNDES só vai entrar num negócio quando for para desenvolver ou preencher lacunas do mercado. Não faz sentido entrar para competir

”

NATÁLIA DIAS,

DIRETORA DE MERCADO DE CAPITAIS E
FINANÇAS SUSTENTÁVEIS DO BNDES





“

Se não houver regulamentação da inteligência artificial, será um salve-se quem puder. A boa notícia: os governos entenderam que precisamos disso para um uso seguro

”

CLARA DURODIÉ,
ESPECIALISTA EM
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

"A inteligência artificial pode impulsionar produtividade, mas desde que seja feita de forma colaborativa com o humano"

ANA TERESA CONTIER,
consultora e pesquisadora
na área de neurociência

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

"Ataques cibernéticos movimentam US\$ 8 trilhões por ano. Cibersegurança deveria ser assunto de família aos domingos"

MARCELLO ZILLO NETO,
Latam security leader
na Amazon Web Services

“

A indústria de investimentos experimenta uma série de desafios com o uso blockchain, tokenização e inteligência artificial

”

ZECA DOHERTY,
NOSSO DIRETOR-EXECUTIVO





SUSTENTABILIDADE

“Se não houver confiabilidade nos créditos de carbono, eles não servem para nada”

JOSÉ PEDRO NEVES,

coordenador-geral na Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda

“A gente pode participar ou ser atropelado por essa agenda de transição energética, então vamos participar!”

PAULA PEIRÃO,

coordenadora regional associada para América Latina e Caribe da Unep FI

“

O dever fiduciário do século XXI é buscar a descarbonização

”

DENÍSIO LIBERATO,

DIRETOR-PRESIDENTE DA
BB ASSET MANAGEMENT

“Seria interessante lançar a Faria Lima do baixo carbono, sair do imaginário de que a Faria Lima é um vilão”

IZABELLA TEIXEIRA,

ministra do Meio Ambiente de 2010 a 2016

“Essa década será do mercado de carbono. Temos que ter a clareza de que as empresas que não estiverem se preparando para se tornar net zero vão perder acesso a consumidores e a crédito”

ANNELISE VENDRAMINI,

professora de mestrado da FGV-SP

“

Com as novas tecnologias, o Brasil pode se tornar uma economia do conhecimento e sair desse papel de combinar agricultura e extração de matérias-primas

”

FERNANDA CAMARGO,

SÓCIA COFUNDADORA DA WRIGHT CAPITAL





“Temos que aprender a fazer para a cabeça o que fizemos com o corpo. Não adianta fazer ‘ginástica laboral’. Temos que aprender ‘ergonomia’ mental”

ANDRÉ FUSCO,
médico e psicanalista

“

A revolução precisa ser digital, sustentável e de propósito. O Brasil é chave para solucionarmos problemas nisso

”

GERD LEONHARD,
AUTOR BEST-SELLER E FUTURISTA

“

Com as novas tecnologias, o Brasil pode se tornar uma economia do conhecimento e sair desse papel de combinar agricultura e extração de matérias-primas

”

IAN GOLDIN,
PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE OXFORD

“O ser humano e a tecnologia são interdependentes. Quando a tecnologia muda, a gente tem que mudar a forma de trabalhar”

MARTHA GABRIEL,
especialista nas áreas de Negócios,
Tendências e Inovação na América Latina



"As pessoas querem interagir com pessoas como elas, e não com almofadinhas do mercado financeiro"

LUCIANA SEABRA,
fundadora da Indê Investimentos

"Meu maior medo como influencer é a desinformação, porque ela pode fazer as pessoas perderem dinheiro"

NATH FINANÇAS,
influenciadora e orientadora financeira

"O mercado de trabalho mudou bastante e os produtos de previdência têm que ser mais flexíveis para acompanhar as pessoas em suas trajetórias"

RICARDO PENA,
diretor-superintendente da Previc



“

Tem gente que pensa que não consegue guardar porque não ganha muito. Eu comecei com R\$ 20 e, de pouquinho em pouquinho, vou dar algo melhor para minha família

”

DONA IVETE PALHETA,
INVESTIDORA E PROFESSORA APOSENTADA

"A CVM entende que tem poder de simplificar a jornada de investimento dos participantes, tornando o mercado mais atraente"

JOÃO PEDRO NASCIMENTO,
presidente da CVM

"O investidor está cada vez mais empoderado com tanta informação disponível. Como mercado, precisamos facilitar para que ele invista cada vez melhor seus recursos"

LUCIANE EFFTING,
head de Distribuição de Investimentos do Santander

“

O marketing de influência só perde para familiares e amigos em termos de influenciar decisões de clientes

”

PAULA SAYÃO,
DIRETORA DE MARKETING E COMUNICAÇÃO
DO BANCO DO BRASIL



"O racismo é uma burrice econômica. Se negros tivessem equiparação de renda com brancos, injetaríamos R\$ 1 trilhão na economia"

ALAN SOARES,

fundador do Movimento Black Money



“

Não aceito quando chamam a gente de carente. Favela é um espaço de potência. Seríamos o sexto estado mais rico do país

”

GELSO ATHAYDE,

fundador da Cufa (Central Única das Favelas) e da Favela Holding

"Equidade e inclusão deixaram de ser um imperativo moral e ético: se tornaram questões econômicas que estão na estratégia dos CEOs"

MARGARETH GOLDENBERG,

CEO na Goldenberg Diversidade

“

Diversidade não é política de benevolência, nem salada de frutas. É gestão

”

HÉLIO SANTOS,

ESCRITOR E PRESIDENTE DO CONSELHO DA OXFAM BRASIL



VIDEOCASTS

ZONA DE DESCONFORTO



ASSISTA

MULHERES, MÃES E CARREIRAS: SUPERANDO ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS

Toda empresa diz que mulheres e mães são bem-vindas no quadro de funcionários, mas o quanto disso é real e o quanto é discurso bonito de LinkedIn?

SIGA AS PARTICIPANTES DO VIDEOCAST:



TATI BERNARDI
escritora, roteirista e videocaster



LUCIANE EFFTING
head de Distribuição de Investimentos do Banco Santander



THAIS VILARINHO
influenciadora e autora do best-seller "Mãe Fora da Caixa"



ASSISTA

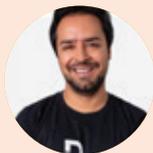
POLÍTICAS PÚBLICAS E INCLUSIVAS PARA LGBTQIA+

A luta LGBTQIA+ é de todos, mas passa pela construção de políticas públicas para garantir a representatividade deste público e o direito à saúde, à segurança e até à liberdade de expressão. A cada campanha eleitoral, há promessas de todos os lados para atrair esse público, mas quais projetos se tornaram realidade e fortalecem, de fato, a comunidade?

SIGA OS PARTICIPANTES DO VIDEOCAST:



ERIKA HILTON
deputada federal



RICARDO SALES
CEO da Mais Diversidade



ASSISTA

VALORIZANDO A EXPERIÊNCIA: DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA O MERCADO DE TRABALHO

A sociedade atual viverá mais do que as anteriores, mas o preconceito com os mais velhos – ainda que mais "jovens" e ativos do que nunca – impera. Todo mundo deve trabalhar por mais tempo, mas será que as portas do mercado estão abertas para a senioridade e a experiência?

SIGA OS PARTICIPANTES DO VIDEOCAST:



PEDRO PITTELLA
diretor de Pessoas da Sanofi Brasil



PATRÍCIA GALANTE
head de Marketing da Empírica





ASSISTA

EMPREENDEDORISMO DA PERIFERIA PARA O MUNDO

Empreender não é para amadores – principalmente quando o foco de um negócio é o aspecto social em um país com tantas desigualdades como o Brasil. Vamos conversar sobre a importância de trabalhar em prol de uma causa que beneficie a sociedade.

SIGA OS PARTICIPANTES DO VIDEOCAST:



THIAGO VINICIUS
empreendedor social



ANA MINUTO
CEO da Minuto Consultoria



ASSISTA

TEM VAGA PARA OS NEURODIVERGENTES?

Se amanhã você tivesse um happy hour com a turma da sua empresa, quantos neurodivergentes estariam com você no bar? Talvez nenhum ou, no máximo, um. Ainda que haja incentivo por parte do governo para a inclusão no mercado de trabalho, as cadeiras das companhias com esse objetivo estão vazias e, quando ocupadas, muitas vezes não há preparo algum para lidar com pessoas diversas. Bora falar sobre como mudar essa realidade.

SIGA AS PARTICIPANTES DO VIDEOCAST:



CAROLINA VIDEIRA
co-diretora da Turma do Jiló



ANDREA SCHWARZ
empreendedora social e influenciadora



TATIANA ITIKAWA
nossa superintendente de Representação dos Mercados



ASSISTA

SAÚDE MENTAL EM COLAPSO. COMO SEGUIR LUCRANDO?

Estamos adoecendo. Trabalho, família, dinheiro, saúde e até lazer nos tiram o sono. Quem não conhece alguém com ansiedade, depressão ou esgotamento que atire a primeira receita médica. Vamos conversar sobre como cuidar da mente e se fortalecer para permanecer são e produtivo num mundo cada vez mais acelerado e caótico.

SIGA OS PARTICIPANTES DO VIDEOCAST:



ANDRÉ FUSCO
médico e psicanalista



IZABELLA CAMARGO
jornalista



EXPEDIENTE

E-BOOK ANBIMA SUMMIT: MERCADO

SETEMBRO 2023

GERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING

Amanda Brum

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Marineide Marques e Paula Diniz

EDIÇÃO

Flávia Nosralla

REDAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Contê Comunicação Com Conteúdo

PRESIDENTE

Carlos André

VICE-PRESIDENTES

Carlos Takahashi, Denísio Delfino, Eric Altafim, José Eduardo Laloni, Luiz Sorge, Pedro Rudge, Roberto Paris e Sergio Cutolo

DIRETORES

Adriano Koelle, Andrés Kikuchi, Eduardo Azevedo, Fernanda Camargo, Fernando Rabello, Fernando Vallada, Giuliano De Marchi, Gustavo Pires, Julya Wellisch, Roberto Paolino, Rodrigo Azevedo, Sergio Bini, Teodoro Lima e Zeca Doherty

COMITÊ EXECUTIVO

Zeca Doherty, Francisco Vidinha, Guilherme Benaderet, Lina Yajima, Marcelo Billi, Tatiana Itikawa, Amanda Brum, Eliana Marino, Soraya Alves e Thiago Baptista

RIO DE JANEIRO

Praia de Botafogo, 501 - 704, Bloco II, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ - CEP: 22250-911
Tel.: (21) 2104-9300

SÃO PAULO

Av. Doutora Ruth Cardoso, 8501, 21º andar, Pinheiros
São Paulo, SP - CEP: 05425-070
Tel.: (11) 3471-4200
www.anbima.com.br

e-book

ANBIMA

SUMMIT

MERCADO

SETEMBRO 2023